

Práticas coletivas *queer*: outras representações do corpo

Felipe Grassine de Oliveira ⁽¹⁾

Guilherme Altmayer ⁽²⁾

Resumen: Este trabalho propõe uma abordagem teórico-narrativa-prática, se utilizando do design gráfico e das práticas dissidentes tipográficas experimentais como meios para ampliar a representação do corpo e promover linguagens mais inclusivas. As experimentações surgem parte da observação de como na sociedade ocidental as representações corporais estão frequentemente vinculadas a imaginários binários e normativos, refletidos desde livros de ciência sobre o corpo humano do ensino básico até em manuais de ergonomia/antropometria e outros recursos que reforçam padrões patriarcais. A partir dessa observação, o estudo propõe reivindicar outras formas de se produzir a representação do corpo utilizando fontes não convencionais, especialmente dingbats, para construir novas visualidades e questionar a rigidez da antropometria tradicional. A pesquisa questiona como é possível incorporar corpos dissidentes no campo do design tipográfico, buscando gerar representações gráficas capazes de integrar diversas experiências corporais em linguagens visuais *queer*. Essa abordagem sugere que o design pode contribuir para a formação de práticas coletivas de cuidado, articulando a corporalidade, o gráfico e o social em um horizonte pós-binário, afim de questionar: como representar corpos dissidentes a partir de tipografias e linguagens *queer*.

Palavras-chave: Corporalidade - Práticas coletivas - Tipografia - Representações gráficas - LGBTIAPN+

[Resumos em espanhol e inglês e nas páginas 184-185]

⁽¹⁾ **Felipe Grassine de Oliveira.** Pessoa trans não binária, militante, brasileira. Doutoranda em design, Mestre em design, Escola Superior de Desenho Industrial (ESDI/UERJ). Graduada em projeto de produto, Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

⁽²⁾ **Guilherme Altmayer.** Doutor e Mestre em design, PUC-Rio. Pós-graduado em sócio-psicologia, FESP-SP e marketing, ESPM. Membro da Red Conceptualismos del Sur

1. Introdução

No século 18, no Ocidente, predominava um sistema de “sexo único”, onde o homem era visto como o ser humano original que possuía uma inversão – a mulher – cujos órgãos sexuais eram internos devido à falta de calor. Acreditava-se, inclusive, que seria possível um corpo feminino transformar-se em masculino quando recebesse calor. O inverso, porém, não era possível, uma vez que também era afirmado que a natureza ia sempre em direção à perfeição (Laqueur, 2001).

A cultura renascentista marca uma nova concepção do homem e do universo inspirada nas obras humanistas dos gregos e romanos, opondo-se à mentalidade medieval. O teocentrismo foi substituído pelo antropocentrismo, isto é, o centro das preocupações humanas deixa de ser Deus e passa a ser o próprio “homem”.

O termo “homem” era, e é um termo comumente utilizado para denominar genericamente o indivíduo da espécie humana independentemente de sexo. O termo está caindo em desuso, em resposta às críticas dos movimentos feministas que apontam a relevância política da linguagem. A utilização da palavra homem como equivalente de ser humano tem diversas origens, como na Grécia Antiga, onde os homens de fato eram tratados como o sexo padrão, e mulheres vistas como um “desvio” de uma suposta grandiosidade masculina. Ou ainda, a Declaração Universal dos Direitos do Homem, fruto do iluminismo e Revolução Francesa. Ou mesmo na religião cristã, onde na Bíblia o versículo Gênesis 5:2 afirma: “Homem e mulher os criou; e os abençoou, e os chamou pelo nome de homem, no dia em que foram criados.”

Historicamente, se dá a construção de uma série de práticas discursivas determinantes no prevailecimento de verdades – que não só construiu identidades de gênero, mas também as hierarquizou, criando o normal a partir do anormal (Foucault, 2001). Por conta deste processo histórico, diversos indivíduos, assim como eu – pessoa trans não binária, foram, ao longo do tempo, punidos e violentados, das mais variadas formas, por serem caracterizados e categorizados como perigosos para a sociedade, passíveis de correção. As reflexões sobre o corpo têm início no contexto da definição de uma norma, que atua como um parâmetro para a avaliação e moralização de desvios. Como ressalta Foucault (2012), o corpo é um espaço de poder e controle, que delinea e reproduz as fronteiras da normalidade.

Ao longo do período moderno, história e natureza se confundem, e torna-se comum entender a ciência biológica como algo que estaria presente anteriormente na natureza, aguardando seu descobrimento, sem levar em consideração que até mesmo a nossa interpretação da natureza é histórica, social e política - localizada. As afirmações de diferença sexual, mais comuns durante o século XIX são ideias que para serem naturalizadas contam com mecanismos de construção de dispositivos como a educação formal, a religião, a família, a mídia e também o design.

Ferramenta para os estudos em Design e produto, a ergonomia prevê que os produtos sejam adaptados aos usuários, e não o contrário (Itiro Iida 2005). Porém, o que configura este usuário opera em uma relação de cisgeneridade com o corpo e seus desenhos e representações. Corpos dissidentes, que não se encaixam na norma, não são previstos na produção ou projeto de um produto. Neufert (1976) diz que tudo que o homem cria é destinado ao seu uso pessoal. As dimensões de produção estão interligadas ao corpo

(predominantemente masculino), assim é frequente que ainda sejam utilizadas expressões como ‘altura de um homem’, ‘comprimento de tantos braços e pés de homem’. Neufert reforça que:

Para evitar anomalias, todos os que projetam devem conhecer a razão por que se adaptam certas medidas, que parecem escolhidas ao acaso. Devem saber as relações entre os membros de um homem normal e qual o espaço que necessita para se deslocar. [...] Devem conhecer o tamanho dos objetos, utensílios que o homem usa. [...] Devem conhecer o espaço que o homem necessita. (Neufert, 1976, pág.35)

A partir desta citação, evidencia-se que o autor está consonante aos pensamentos antropométricos, retomados por Leonardo da Vinci – onde o mesmo resgata os escritos do arquiteto e engenheiro militar Marco Vitruvius, o qual estabeleceu no século I antes de Cristo o princípio que relacionava a proporcionalidade da bela arquitetura com as do homem de boa formação (Cherem, 2005), do homem ideal. Vitruvius escreveu também um livro afirmando que um homem com as pernas e braços abertos caberia perfeitamente dentro de um quadrado e de um círculo, figuras geométricas perfeitas, e que o centro do corpo é o umbigo – preceitos que deram forma a célebre imagem do homem perfeito de Leonardo da Vinci.

O homem (o tal oposto a mulher) sempre foi usado como parâmetro primordial de estudo e desenvolvimento, e é contra essa hegemonia que esta escrita se coloca. Aqui se objetiva refletir sobre outros caminhos para pensar representações gráficas “humanas” que fujam da binaridade de gênero, e que de certa forma confrontem padrões estabelecidos e imperativos.

A partir de uma escrita narrativa e de relato de experiência, este texto evidencia como minhas experiências, atreladas a um coletivo criado em uma outra cidade e estado, surge para pensar tipografias dissidentes e abre a possibilidade de se construir corpos a partir de tipos, buscando encontrar estéticas não-binárias de se produzir escritas, léxicos e visualidades.

2. Práticas de campo: coletividades dissidentes

Hoje, ser o único corpo trans no Programa de Pós-Graduação em Design da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPDESDI), me trouxe a solidão e a dificuldade de pensar numa corporeidade e coletividade trans. Ao mesmo tempo que este fato apresenta um lado negativo, foi um estímulo para buscar fora da minha pós-graduação, outros lugares e parceiros.

Minha pesquisa do doutorado intenciona pensar como incluir corpos trans na ergonomia/antropometria. Logo no início da pesquisa, me fixei na ideia de medir corpos trans e sem perceber, cai na cilada de ainda corroborar para um sistema que nos divide em categorias a partir de lógicas binárias, e talvez a representatividade de corpos trans se daria

nessa rigidez e fixidez antropométrica. Caindo a ficha, me dei conta que a minha pesquisa de doutorado também é sobre uma coletividade trans que reúne forças para a manutenção de suas vidas e que não faria sentido algum não me unir a elas.

Participar de coletivos, –como o Coletivo Trans UERJ e o coletivo de práticas queer, que será abordado neste artigo– e promover oficinas podem ser parte da construção de histórias ainda não contadas. Práticas que falam sobre corpos monstruosos, dissidentes, sobre ferramentas de guerrilha contranormativas, sobre novas linguagens, léxicos e visualidades. Confabular com outras pessoas trans, também faz parte de imaginar outras possibilidades para mim e para tantas outras.

Logo, materializar e registrar essa escrita também é sobre afeto, sobre trocas, narrativas e principalmente estratégias para dismantellar um sistema¹ que nos pune, que nos invisibiliza e que constantemente nos força a ficar nas margens. Esse texto é sobre se sentir monstruosa, sobre imaginar outras visualidades e políticas.

2.1 Práticas coletivas em design queer | PSSP

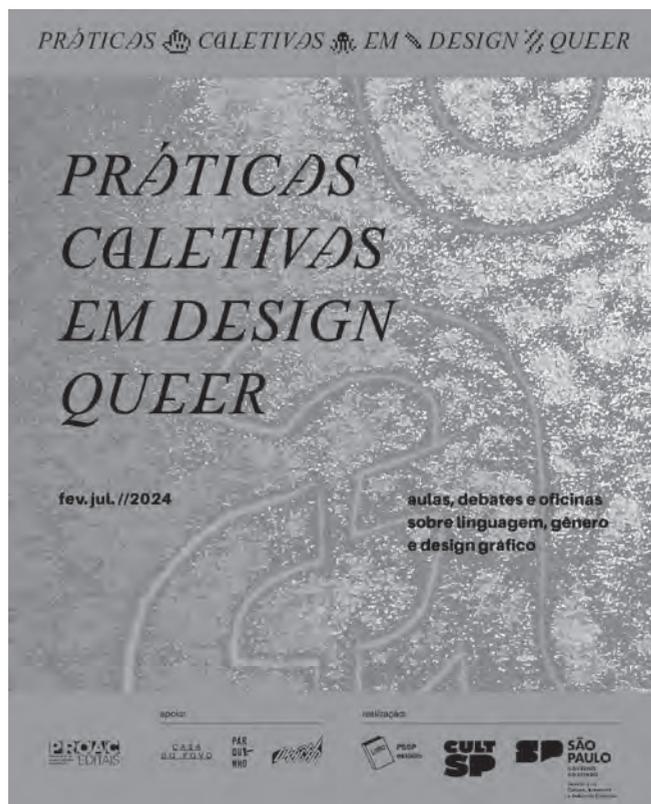


Figura 1. Chamada para o coletivo. Autora: Instagram PSSP, 2024

12 de janeiro de 2024. Fui acordada com alguns *directs* no *Instagram* de um edital aberto para selecionar 10 artistas/designers para construção de um coletivo *queer*. Projeto idealizado por PSSP² estúdio em parceria com o espaço do Parquinho Gráfico³ e Ateliê DRAGÃO⁴, apoio da Casa do Povo⁵ e do Governo do Estado de São Paulo, por meio da Secretaria da Cultura, Economia e Indústria Criativas, a partir da verba conquistada pelo Programa de Produção Cultural (PROAC).

O projeto, chamado “práticas coletivas de design *queer*”, tinha como descrição: gesto rumo a um futuro pós-binário. Propõe uma incursão teórico-prática que busca refletir sobre como o design gráfico e práticas experimentais em tipografia podem contribuir para o desenvolvimento de uma linguagem e escrita mais inclusivas. No projeto também pretendeu-se elaborar propostas gráficas que poderão ser incorporadas no desenho de novas tipografias, compondo um vocabulário visual que dê suporte ao desenvolvimento de uma escrita *queer* não-binária, para além do –e em complemento ao– sistema “*élu*”.

O projeto buscou oferecer um espaço de diálogo, colaboração, pesquisa e experimentação coletiva focada no questionamento e problematização das categorias normativas e binárias, para além da lógica *cisheteronormativa*⁶ de produtividade e da noção individualista de criatividade. O projeto aconteceu em São Paulo de 17 de fevereiro de 2024 a 13 de julho de 2024, com 8 encontros presenciais e 6 encontros online, divididos em aulas teóricas e encontros de aconselhamento de projeto. Um questionamento que o edital trouxe me chamou bastante atenção: “Como se apropriar de recursos gráficos e visuais para construir novos imaginários e explorar práticas que priorizem a coletividade e os saberes comunitários?”

E assim, com muitos incentivos, me inscrevi. Em 29 de janeiro, saiu o resultado e nossa, que felicidade ter conseguido essa vaga, queria gritar de felicidade e contar para todo mundo que acreditou que eu poderia ter sido selecionada e me enviou o edital para concorrer. *Spoiler*, foi uma experiência única e consegui não só avançar e entender melhor minha pesquisa como também estive rodeada de pessoas *trans* incríveis que me impulsionam e que sou feliz de fazerem parte da minha vida. Quero dividir aqui não só as práticas, mas também as lições que esses encontros e parcerias me agregaram enquanto pessoa/pesquisadora, até mesmo num processo de criação de uma autoconfiança enquanto artista/designer.

17 de fevereiro de 2024. Foi o primeiro encontro presencial do coletivo de práticas coletivas em design *queer*. Os encontros aconteceram no Parquinho Gráfico e no Ateliê Dragão, ambos em São Paulo. Saí do Rio de Janeiro às 1:45 da manhã para pegar o ônibus para São Paulo, uma viagem de 7 horas. A ideia no primeiro momento foi escrever nosso nome da maneira que quiséssemos numa folha. Antes de cada pessoa se apresentar, mostrávamos a folha com nosso nome escrito e as pessoas do coletivo podiam tentar falar coisas sobre você a partir da maneira como escreveu o seu nome. Escrevi meu nome começando com uma letra grande e depois diminuindo a letra, nem foi proposital, apenas não iria caber na folha se todas as letras estivessem grandes. (figura 2)

Segurei a folha e apenas ouvi. Uma pessoa comentou: estranho você começar escrevendo grande e ir diminuindo a letra, parece um sentimento de saber que não cabe onde está, mas às vezes se obriga a caber - lida com tanta obviedade. O interessante deste exercício inicial é entender que precisamos de força e posicionamento para quebrar CISTemas que mesmo não concordando ou sabendo como atuam, estão impregnados em nós. Vi um cartaz no Parquinho gráfico que ilustra um pouco desses mantras que nos projetam para um futuro com coragem. (figura 3)



Figura 2. Vetorização do caderno com meu nome.
Autora: Grassine, 2024

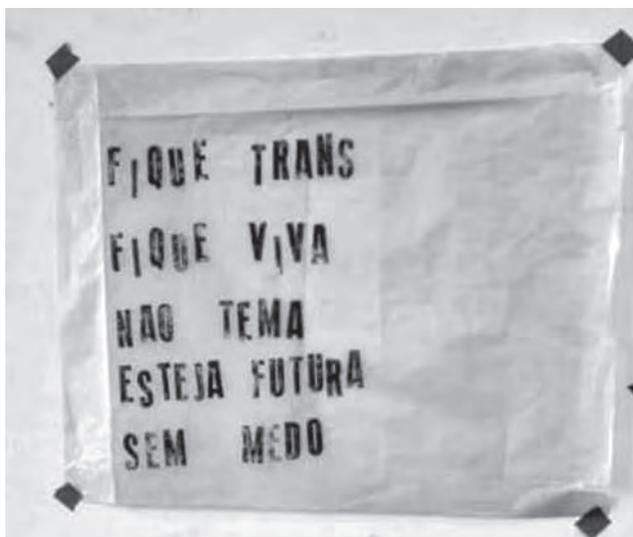


Figura 3: Bandeira.
Autora: Grassine, 2024

24 de fevereiro de 2024. Mais uma vez em São Paulo e nesse encontro na parte da manhã, debatemos sobre linguagem neutra ou linguagem não binária, ou linguagem dissidente, a partir do encontro online com Dri Azevedo⁷.

Dri (2023) traz que a linguagem neutra é uma estratégia linguística de pessoas trans para tornar a comunicação mais inclusiva e acolhedora para quem não se adéqua no binarismo masculino e feminino, e ressalta que o preconceito que leva à rejeição dessa linguagem está não somente em políticos caricatos de extrema-direita; há também fricção dentro da própria esquerda, entre intelectuais e feministas, que colocam a questão das identidades trans em constante tensionamento, culminando em falas transfóbicas de personalidades da mídia, da academia, da literatura e da política.

A partir dos debates e refletindo nessas outras formas de se comunicar, na parte da tarde do encontro, a intenção foi explorar a oficina, entender possibilidades gráficas, como utilizar os tipos (figura 4) na criação de outras formas de construir tipografias e formas de impressão manual.

Como não sabia por onde começar, pensei em maneiras de escrever meu nome. Quais as possibilidades de escrever Grassine que não ficasse apenas numa escrita estática, mas também tivesse o movimento do corpo, até porque existe uma anatomia da tipografia. Muitos termos com que as letras são descritas por designers de tipos e caligrafias são emprestados da anatomia humana. As partes das letras são identificadas como partes do corpo, como por exemplo: a espinha dorsal de uma letra “s”, o braço e a perna de um “k”, a orelha de um “g”, o olho de um “e” ou o ombro de um “n” entre outras terminologias que são nomeações de partes do corpo que também integram parte da tipografia. Ter ciência dessas informações me ajudou a também repensar uma outra prática dissidente dentro da escrita, das fonéticas, das visualidades que a escrita pode trazer.

Uns experimentos um tanto tímidos, mas eram valerosos em testar muitas coisas pela primeira vez.



Figura 4. Tipos manuais.
Autora: Grassine, 2024



Figura 5: Teste esfregando os tipos.
Autora: Grassine, 2024

16 de março de 2024. Começamos a debater sobre os testes que fizemos no último encontro, o que foi gerado, quais foram as técnicas, os processos, as inspirações. Em todo o processo, precisávamos nos perguntar e responder do porquê aquilo produzido entraria dentro de uma categoria de tipografia queer ou dissidente, entender também como sistematizar, registrar e fazer com que as práticas realizadas fossem coletivizadas e expandidas para outras pessoas.



Figura 6. Produções do coletivo.
Autora: Grassine, 2024

A partir dessas experimentações iniciais, surge a proposta de criar três (3) tipografias a partir de 3 técnicas, nos separamos e cada equipe ficou com um grupo de letras: o grupo 1 ficou com as letras de A a I, o grupo 2 de J a R e o grupo 3 de S a Z. Para cada agrupamento, tivemos que fazer a partir de três técnicas diferentes, o primeiro (figura 7) como se fosse um cabo de guerra de canetinha, onde a caneta ficava no centro presa a um sistema de cordas, cada membro do grupo segurava essa corda e, de forma coletiva, equilibrando ou não forças, gerando ruídos, construía cada letra. No segundo (figura 8), molhando barbante com tinta, onde tinham 3 tintas à base de água, cada integrante do grupo cortava um pedaço de barbante, encharcava na tinta e colocava na folha de forma estática ou não. Cada membro pode adicionar um novo barbante ou mexer em algum barbante já disposto até formar cada letra. No terceiro e último (figura 9), com rolinho de pintar parede, cada membro pegava o rolinho e fazia um traço na folha até formar a letra, sempre podendo intervir no outro.



Figura 7 e 8. Cabo de guerra e linha embebecida. Autora: Grassine, 2024

8 de abril de 2024. Primeiro encontro online para falar sobre nossas produções. A proposta era ter um olhar e mentoria para entender nosso estilo e interesses enquanto artistas/designers, quais possibilidades de caminhos seguir e como esses projetos poderiam ser incluídos no coletivo, numa visualidade queer e nas nossas pesquisas pessoais. Nessa conversa, trouxe ideias gráficas iniciais (figura 10) que tinham a ver com minha pesquisa, aliadas a pergunta: como medir um corpo trans?

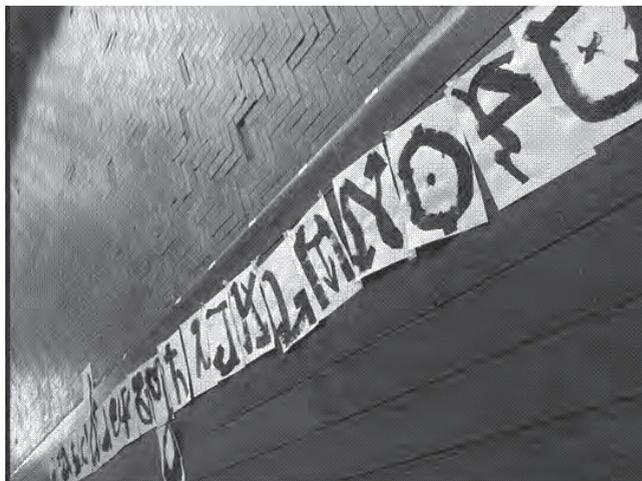


Figura 9. Tipos feitos com o rolinho de tinta.
Autora: Grassine, 2024

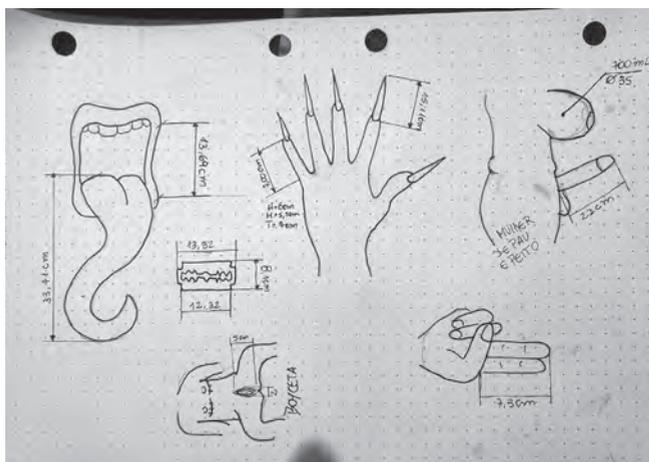


Figura 10. Ideias iniciais de representações.
Autora: Grassine, 2023

Essa pergunta foi evoluindo e trazendo mais outras questões, a fim de entender se é possível medir um corpo trans, na medida em que a generalização das medidas corporais não atendam nem se quer a cisgeneridade, ao mesmo tempo que colocamos o questionamento de o quanto queremos medir corpos trans da mesma forma que a antropometria mede corpos cisgêneros. A partir desses experimentos iniciais feitos no início do doutorado e mostrados nessa mentoria, surgiu a ideia de usar dingbats como ferramenta de criação de corpos diversos.

No âmbito das fontes digitais, uma fonte dingbat é caracterizada por um conjunto de caracteres cujo desenho não possui relação explícita com os arquétipos formais que constituem o alfabeto. Tais tipografias possibilitam a construção de sentido na composição de textos não-verbais, a partir de caracteres que exploram, de forma generalizada, a linguagem gráfica pictórica e/ou esquemática como base para sua configuração. As fontes dingbats de caráter figurativo possibilitam uma democracia comunicativa para além do uso dos alfabetos tradicionais, pois é no signo que nos deparamos com uma forma de comunicação natural, ainda mais sensível e pessoal, de fácil compreensão dos seus potenciais significados.

Pictogramas são elementos visuais que, na contemporaneidade, compõem um sistema de sinalização e comunicação. Sua natureza figurativa e lúdica tem a capacidade de comunicar mensagens complexas. Essa forma de diálogo, em muitos casos, pode quebrar obstáculos linguísticos entre diferentes culturas e níveis de conhecimento. (Moro, 2016, p. 53). A partir do entendimento do que são fontes dingbats e da intenção da minha pesquisa, fui entender nos demais encontros práticos do projeto como produzir graficamente essas ideias.

13 de abril de 2024. No quarto encontro presencial, tivemos a proposta de pensar como criar um pronome. A principal função de um pronome é referir-se a pessoas, objetos, animais, lugares ou ideias de maneira mais fluida e eficiente num texto ou frase, facilitando a coesão e a clareza da comunicação. Essa classe de palavras existentes em nossa gramática muitas vezes não dá conta de apresentar ou representar as pessoas e/ou subjetividades existentes ou que queremos que existam no mundo. Refletindo sobre isso, a proposta deste exercício é criar um pronome pessoal para referir-se a si ou a subjetividades que você quer incluir, instaurar ou conjurar no mundo ou em uma distopia. Fiquei pensando como os dingbats seriam úteis para a criação de símbolos que poderiam caracterizar sentimentos, verbos, características e um símbolo que represente seu nome. Lembrei que para pessoas mudas/surdas, quando vão se apresentar, elas fazem um gesto que a representa, talvez a partir disso surge a pergunta: sobre que visualidade te representa

Nos dias após esse exercício, me questionei sobre quais símbolos são importantes para mim, ou melhor, que símbolos eu queria nesse momento ser lembrada. Foi a partir disso que comecei a criar um dingbat próprio. Fiz um exercício de pensar coisas que são importantes, comidas de que gosto, meu signo, jogos, personagens preferidos, símbolos que usava como logo e que surgiram ao longo do processo das práticas desenvolvidas com o coletivo.

Cada letra não necessariamente tem a ver com o símbolo, tem casos em que a palavra do símbolo começa com a letra, como por exemplo o signo de câncer estar alocado na letra “C”, mas não é uma regra, Pensei que o primeiro símbolo fosse a imagem que te representaria, como o nome ou pronome te representa ou faz com que alguém remeta a você.

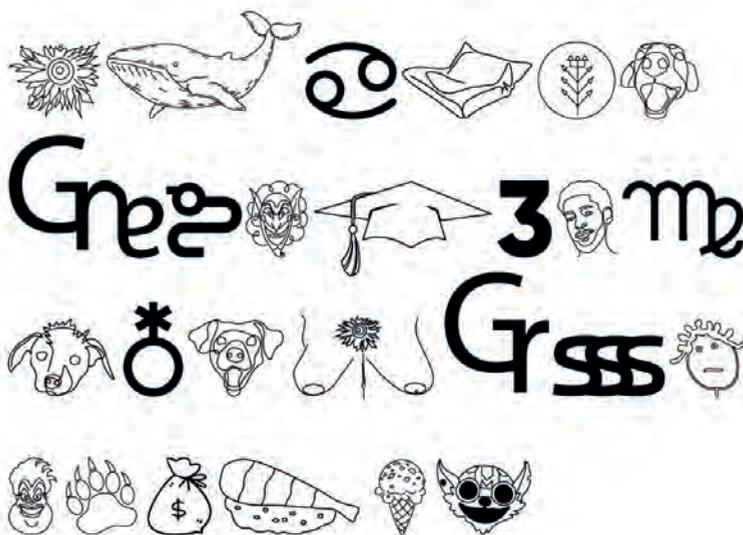


Figura 11. Dingbats Grassine. Autora: Grassine, 2024

Indo mais a fundo desse experimento, pensando não só em símbolos que caracterizam corpos, mas também em como construir corpos com os dingbats. Comecei um processo de experimentação que trazia minha pesquisa do doutorado mais perto dessa criação.

A ideia é entender que cada grupo de letras ou grupo de vogais com acento poderiam ser um agrupamento de partes do corpo. E, com isso, fui testando e criando ilustrações mais simples que dessem conta de um experimento inicial na construção de corpos que não necessariamente precisam condizer com uma expectativa normativa ou realista. Da mesma forma que o dingbat criado acima sugeriria sentimentos e características, certas imagens e visualidades poderiam ajudar a construir também a criação de um corpo que sente, que diz para além das palavras.

O corpo sempre foi uma questão para mim. Enquanto designer de produto, muitas vezes o que projetava nem de longe caberia em mim, enquanto uma pessoa gorda. Mas isso se refletia desde pequena, ao me chamarem de teta de vaca menstruada, por não me sentir desejada, por não me enxergar como potencial amor de alguém e muito menos ser meu próprio amor. (figura 12)

Fico pensando: como medir a dissidência de um corpo? Como medir a possibilidade de criação de um outro imaginário imagético que inclua a todes? Como *queerizar* (Portinari, 2017) práticas de design para que projetos olhem para nossos corpos? Foi pensando nisso que comecei uma experimentação de criação de cartazes unindo os dingbats, com as tipografias feitas no segundo encontro.

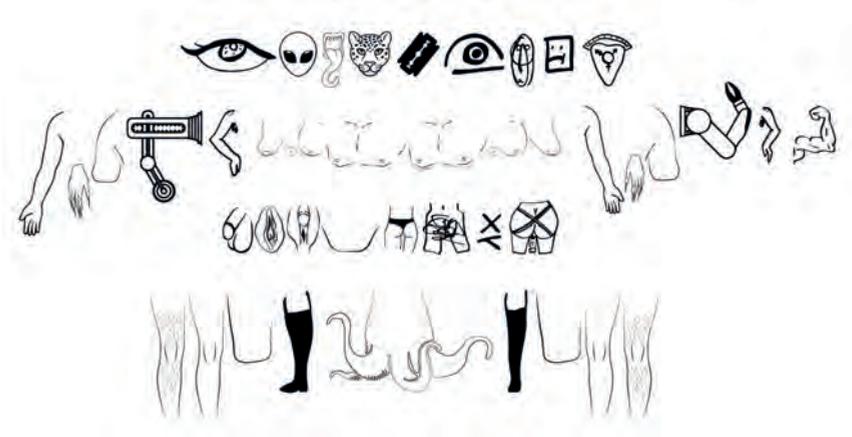


Figura 12. Como medir um corpo trans? Autora: Grassine, 2024

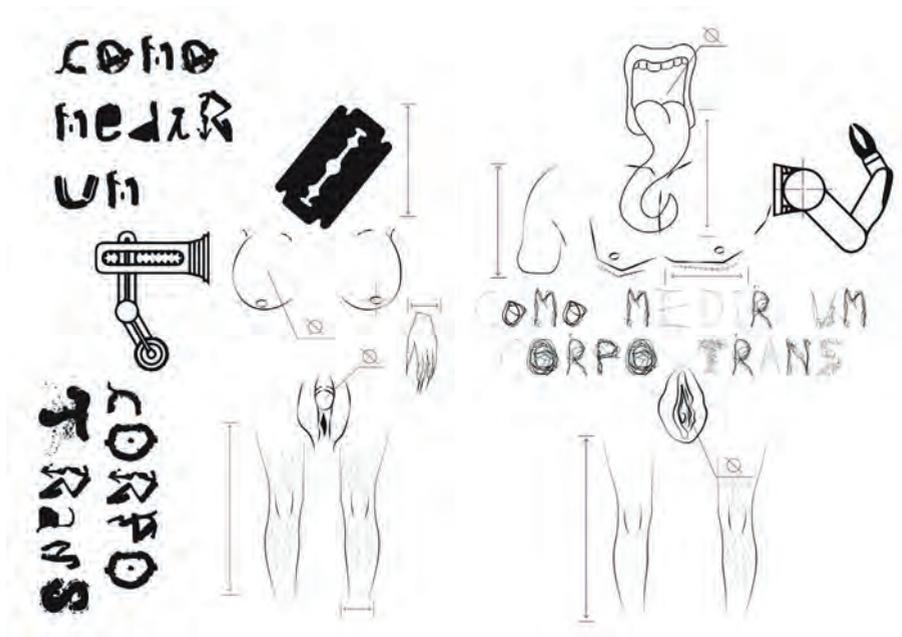


Figura 13. Cartazes com a tipografia e dingbats Autora: Grassine, 2024

Lembro que Jota Mombaça, em seu livro “Não vão nos matar agora” (2021), traz uma questão fundamental: “Como desfazer o que me tornam?” Aqui cabe afirmar que onde opera o poder, opera também uma resistência (Foucault, 2006) dos corpos vigiados por sistemas de controles, corpos esses que seguem de pé, apesar das adversidades de um ambiente dominado por padrões opressivos, na negação da representação, pela obsessão em nos negar, na inútil tentativa de nos aprisionar simbolicamente.

Enquanto corpos ativistas e políticos, é necessário que criemos caminhos outros para criar novos imaginários. As potencialidades desta escrita se dão na percepção de sermos no mundo agentes de mudança, mesmo com as adversidades. O hackeamento de práticas normativas precisa acontecer na medida que o incômodo de não se ver no mundo seja maior que viver em sombras. A quem pertence a possibilidade de ter humanidade?

Durante esses seis meses de encontros coletivos, fui entendendo não só outras formas de pensar o fim de um (cis) tema opressor. Durante esse tempo, criamos estratégias de permanecermos vivas, criando possibilidades presentes de sermos um imaginário possível de uma humanidade *queerizada*.

Para finalizar, entendi que produzir, projetar e escrever sobre si é entender como o corpo faz parte de um processo narrativo. E como essa narrativa também perpassa um coletivo que influencia nossos trajetos, vetores e sentimentos. Me propus, assim, a narrar sobre meus medos, sobre passar 14 horas (ida e volta) dentro de um ônibus, falar sobre as paisagens, as amizades, os experimentos e sensações.

Tenho descoberto que o corpo fala no abraço, no cansaço, na coragem de pegar um tipo e experimentar escrever o próprio nome arrastando a peça e suavemente vendo a tinta esvaír. O corpo também está no imaginário, no outro e em como o outro vê. Está na letra, no texto, na construção coletiva. Discutir uma prática em tipografia e em design *queer* também é pensar em como performar e mudar a fixidez da visualidade de vogais, consoantes e acentos, de transformar o que entendemos como linguagem a fim de gerar corpos monstruosos e diversos.

Agradeço demais pela parceria nesse processo, b. benedicto, brenda akekid, Bruno da Silva Amorim, Bruno Mendonça, Emir Lucrecia, Gaya Vieira, Laura Daviña, livia viganò, Nathê Miranda, Marina Zilbersztein, Priscila Tomate, Roberto Ruiz, uarê erremays, Ya Amani e Yala Silva.

Conclusão

Fazer parte do coletivo, me fez questionar diversas práticas cotidianas enquanto um pessoa que vive nesse mundo mas também prospecta um outro. Em muitas ocasiões me peguei questionando coisas do tipo: “como pensar tal letra sem seguir o padrão que já está na minha cabeça?” Ou “como criar um símbolo neutro ou não binário?” E, foi com o tempo que fui percebendo que desde que neguei a binaridade, eu já crio letras, formas, corporalidade sem seguir um padrão normativo.

Me vinha muito à mente as formas de violência geradas por discursos e representações normatizadoras na sociedade que Foucault apresenta em *Vigiar e punir* (1987). Foucault

(1987) mostra que efeitos de poder, tais como o autocontrole dos gestos e atitudes, são produzidos não somente pela violência e pela força, mas sobremaneira pela sensação de estar sendo vigiado. Engana-se quem pensa ser a sociedade disciplinar aquela na qual todos se vigiam, como se houvesse um acréscimo de guardas e disciplinadores. Pelo contrário, nas instituições de vigilância, precisaram-se cada vez menos desses personagens. O poder disciplinar é econômico. Ele se vale de espaços arquitetônicos organizados de modo a incrementar e facilitar a sensação de vigilância múltipla, detalhada e minuciosa de cada indivíduo que compõe seus interiores.

É evidente que a vigilância binária dos gêneros produz violências constantes, tratando de impedir nossas vivências, dado o sentimento de não pertencimento ao domínio socialmente estabelecido como masculino ou feminino. As tecnologias de gênero (de Lauretis, 2019) que nos cercam na contemporaneidade, fazem circular discursos que, ao mesmo tempo, em que dificultam pessoas trans, travestis e não binárias, se reconhecerem na sociedade, possibilitam a performance de formas transgressoras de experienciar suas performatividades.

A vigilância constante nos faz ter dificuldade de enxergar para além das normas, entretanto estamos aos poucos tomando consciência desse sistema que nos pune pela existência e principalmente estamos conseguindo criar estratégias de permanecer vivas. Este trabalho surge como ponta inicial de novas formas de se imaginar e imaginar outras representações dissidentes.

Notas

1. O termo CISstema vem da junção dos termos CISgeneridade e sisTEMA, fazendo referência a que os modos que vivemos estão pautados em sistemas políticos e sociais dentro de um patriarcado.

2. https://www.instagram.com/pssp____livros/

3. <https://www.instagram.com/parquinhografico/>

4. <https://www.instagram.com/ateliedragao/>

5. https://www.instagram.com/_casadopovo/

6. O termo cisheteronormatividade caracteriza, um conjunto de normas que pressupõe pessoas sempre cisgêneras e heterossexuais enquanto desfecho natural da constituição da subjetividade humana. De forma mais detalhada, Viviane Vergueiro (2015), divide a estrutura cisheteronormativa em duas etapas, a primeira pré-discursiva, que é como pudéssemos definir masculino e feminino, como um critério estático, que é: tem pênis, logo é homem, e se tem vagina, logo é mulher. Como se fosse uma conclusão, uma obviedade, como se nem estivesse no âmbito da cultura, aquilo que o homem modifica, entendendo que definições de masculinidade e feminilidade são biológicas e como o sexo é biológico. E, o segundo caminho é a binaridade, e aqui entram as questões heterossexuais, porque não basta só ser binário, eles são complementares, o macho completa a fêmea, eles têm uma relação reprodutiva que determina a relação dessas pessoas.

7. É doutore em Literatura, Cultura e Contemporaneidade pela PUC-Rio (2016). Obteve bolsa de doutorado sandwich CAPES/PDSE para estágio doutoral no exterior entre outubro de 2013 e setembro de 2014 na Université de Lille 3 na França sob orientação do teórico queer e sociólogo francês Sam Bourcier. Foi bolsista de pós-doutorado FAPERJ NOTA 10 de 2018 a 2022. Atualmente é professore substitute do depto de Ciência da Literatura da UFRJ, integrante do Laboratório de Teorias e Práticas Feministas (PACC - UFRJ). É autore do livro “Reconstruções queers: por uma utopia do lar” (2002, Editora Urutau).

Bibliografia

- Azevedo, A. (2023). Por que devemos ter e apoiar um letramento trans no Brasil. *Jornal Literário Pernambuco* N° 205.
- Cherem, A. (2005) Medicina e arte: observações para um diálogo interdisciplinar. <http://www.actafisiatrica.org.br/v1%5Ccontrole/secure/Arquivos/AnexosArtigos/D645920E395FEDAD7BBED0ECA3FE2E0/acta_vol_12_MedxArte_color%5B1%5D.pdf>, 2005.
- Foucault, M. (1987) *Vigiar e punir: nascimento da prisão*; tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis, Vozes. 288p. Do original em francês: *Surveiller et punir*.
- Foucault, M. (2001). *Os Anormais* (Curso no Collège de France, 1974-1975). (E. Brandão, Trad.). São Paulo: Martins Fontes.
- Foucault, M(2012). *História da sexualidade I : a vontade de saber*; trad. de Maria Thereza da Costa e J.A. Guilhon Albuquerque (22ªed). Rio de Janeiro: Graal.
- Foucault, M. (2006) *Diálogo sobre o poder*. In: _____. *Estratégia, poder-saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária;
- IIDA, I. (2000) *Ergonomia: projeto e produto*. São Paulo: Edgard Blucher.
- Laqueur, T. (2001) *Inventando o Sexo: Corpo e Gênero dos Gregos a Freud*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará.
- Lauretis, T. (1994) *A tecnologia do gênero*. In: HOLLANDA, Heloísa B. (Org.). *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, p. 206-241.
- Mombaça, J. (2021) *Não vão nos matar agora*. 1. esd. - Rio de Janeiro, Cobogó.
- Moro, G. (2016) *Pictograma e pictografia: objeto, representação e conceito*. 2016. 177 f. Tese (Doutorado em Tecnologia) - Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba.
- Portinari, D. (2017) *Queerizar o design*. Arcos Design. Rio de Janeiro: PPD ESDI - UERJ. Edição especial Seminário Design.Com, Outubro. pp. 1-19.
- Neufert, E. (1976) *A arte de projetar em arquitetura*. 5ed. São Paulo, Gustavo Gilli do Brasil.
- Vergueiro, V. (2016) *Por inflexões decoloniais de corpos e identidades de gênero inconformes: uma análise autoetnográfica da cisgeneridade como normatividade*.

Abstract: This work proposes a theoretical-narrative-practical approach, using graphic design and experimental dissident typographic practices as a means to expand the representation of the body and promote more inclusive languages. The experiments arise

from the observation of how in Western society, body representations are often linked to binary and normative imaginaries, reflected in everything from science books on the human body in elementary school to ergonomics/anthropometry manuals and other resources that reinforce patriarchal standards. Based on this observation, the study proposes to claim other ways of producing the representation of the body using unconventional fonts, especially dingbats, to construct new visualities and question the rigidity of traditional anthropometry. The research questions how it is possible to incorporate dissident bodies in the field of typographic design, seeking to generate graphic representations capable of integrating diverse bodily experiences in queer visual languages. This approach suggests that design can contribute to the formation of collective care practices, articulating corporality, graphics and the social in a post-binary horizon, in order to question: how to represent dissident bodies using queer typographies and languages.

Keywords: corporeality - collective practices - typography - graphic representations - LGBTIAPN+

Resumen: Este trabajo propone un enfoque teórico-narrativo-práctico, utilizando el diseño gráfico y las prácticas tipográficas disidentes experimentales como medios para expandir la representación del cuerpo y promover lenguajes más inclusivos. Los experimentos surgen de la observación de cómo, en la sociedad occidental, las representaciones corporales suelen estar vinculadas a imaginarios binarios y normativos, reflejados en todo, desde libros de ciencias sobre el cuerpo humano en la escuela primaria hasta manuales de ergonomía/antropometría y otros recursos que refuerzan los estándares patriarcales. A partir de esta observación, el estudio propone reivindicar otras formas de producir la representación del cuerpo utilizando tipografías no convencionales, especialmente dingbats, para construir nuevas visualidades y cuestionar la rigidez de la antropometría tradicional. La investigación cuestiona cómo es posible incorporar cuerpos disidentes en el campo del diseño tipográfico, buscando generar representaciones gráficas capaces de integrar diversas experiencias corporales en lenguajes visuales queer. Este enfoque sugiere que el diseño puede contribuir a la formación de prácticas de cuidado colectivo, articulando corporalidad, gráfica y lo social en un horizonte postbinario, para cuestionar: cómo representar cuerpos disidentes utilizando tipografías y lenguajes queer.

Palabras clave: corporalidad - prácticas colectivas - tipografía - representaciones gráficas - LGBTIAPN+

[Las traducciones de los abstracts fueron supervisadas por el autor de cada artículo.]
